

A PAIXÃO DE ACÚRCIO

O dinheiro em cédula, novo, flexível e colorido como asa de borboleta, só se tornou conhecido com a chegada da empresa que veio fazer a estrada. Com ela, chegaram uma poeira pesada e vermelha que corou os pálidos do lugar, os tratores, grandes máquinas barulhentas e parecidas com aranhas, e o dinheiro que, como as máquinas, ninguém conhecia direito. Antes disso, o que havia era a lembrança vaga de dobrões ou patacas passando rápidos, num traspasse, de um bolso para uma algibeira qualquer; alguns réis transportados do fundo de uma gaveta para o escuro de uma valise de caixeiro-viajante; fantasmas de cédulas desbotadas intermediando conversa de pessoas de certa posse.

Os cruzeiros, ao contrário, chegaram coloridos, cheirando a tinta, em certa quantidade.

de modo que muitos moradores do lugar puderam e tiveram a sorte de aquecer algumas daquelas notas nas mãos, quando resolveram largar o que faziam e foram ganhar salário na companhia.

Talvez como estratégia para arrebanhar mais rapidamente os trabalhadores, a companhia andou distribuindo algumas notas novinhas, ainda sem dobras, aos olhos curiosos da população. Todos correram para admirar aquelas estampas coloridas, mais enfeitadas que os reclames de sabonete, e pasmaram-se babando sobre as efígies de imperadores e princesas, almirantes e heróis da pátria, ainda sem muita noção do que aquilo representava.

Nem outras novidades que o progresso da estrada trouxe depois, como a gilette e o band-aid, conseguiram a proeza de deixar um coitado estatelado e duro, como quem põe pedra de gelo na mão pela primeira vez, gozando aquele transe passageiro, uma quase paralisia entre o fim do susto e o início da admiração.

Acúrcio Barbosa viu dinheiro pela primeira vez naquela época. Era rapaz novo, dezesseis para dezessete anos, mas já com ganâncias de homem feito. Deixou o trabalho no pequeno sítio do pai onde lavrava e criava, para trabalhar na companhia. E, como todo mundo, foi também estatelado e duro que ficou Acúrcio, quando recebeu seu primeiro salário em cédulas novas e estalantes. Gostou do

[28]

cheiro, das cores, das figuras e não teve coragem de gastá-las. Esse gosto estendeu-se das cédulas já usadas para aquelas já quase descoloridas, e abarcou aquelas ensebadas e sem viço que são o capital circulante na economia dos mendigos.

Sua vida, desde então, foi inteiramente dedicada à ciência da economia particular, coisa que continuou mesmo depois que a estrada foi construída, e ele voltou para sua roça e seus cabritos. Comendo fiapos e raízes e vestindo roupas de sacos, remendos, Acúrcio comprou mais terras, aumentou sua criação e chegou aos cinqüenta anos, solteiro, sozinho, um bugre de dentes esverdeados e unhas cheias de barro. Vendia todo o pouco que produzia de feijão, milho, jerimums e melancias e guardava o dinheiro em um baú surrado que mantinha bem escondido.

Só se desfazia de algum dinheiro quando via, através do olhar do padre da paróquia, sua alma perigando, oscilante, na borda do penhasco do inferno. Afora isto, escambava tudo, sempre procurando uma volta, um retorno em dinheiro que pudesse aumentar suas reservas.

Assim, Acúrcio chegou àquela idade em que o homem ruminava as lembranças, os desejos represados, as carências socadas nas estranhas despesas que cada um tem. Sentiu-se atraído por estranhas e pequenas coisas: picolés, sapatos, roupa feita, cerveja e cigarro da praça; passou a vir mais

[29]

às feiras, gostou de passear pela cidade, marejou os olhos vendo certas roupas femininas, colantes e generosas, decotes imagináveis, certas partes que jamais imaginou pudessem ser assim expostas.

E certa manhã, como um sopapo, como se uma daquelas caterpillars de sua juventude o tivesse atropelado, chegou até seus olhos a figura de Creuza, uma morena de carnes abundantes, boca colorida e olhos de turmalina. Acúrcio rodopiou feito um peru bêbado, atropelou pilhas de laranjas e comprou a primeira coisa que alguém lhe ofereceu, sem ter noção do que fazia.

Creuza percebeu. Percebeu e interpretou uma indiferença tão insinuante e provocadora que até os paus das barracas sentiram-se cativados. Imaginem o turbilhão na usina de sentimentos de Acúrcio! Voltou a pé para casa e só notou ter deixado as compras na cidade quando já subia os degraus do seu alpendre, lá no sítio.

Um mês depois, Acúrcio pediu Creuza em casamento. Creuza aceitou. A pequena cidade dividiu-se entre a censura e a aprovação dos dois amantes.

No amor de Acúrcio nenhum dos dois partidos punha dúvida. Bastava ver seu olhinho reluzente, a baba translúcida que escorria de sua boca, sua aparência. Fizera a barba, comprara roupa nova, passou a usar uma alpercata de fábrika, preparando os pés para os sapatos já encomendados.

Já os sentimentos de Creuza, mesmo que não pudessem ser completamente conhecidos, não deixavam de ser completamente dissecados, detalhadamente interpretados, e quase sempre condenados.

Com a proximidade do casamento, Creuza, sem fechar seu salão de manicure, começou a preparar o enxoval que, para tristeza das mãs línguas, ia sendo feito mais com as economias da noiva que com as ajudas do futuro marido. E o resto correndo conforme manda a lei: banhos, proclamas, convites, o tempo.

Creuza era interesseira? Seriam condenáveis seus desejos de uma vida mais tranqüila, sem os hematomas das paixões arrebatadas, sem a falta de ar dos amores não correspondidos, sem os corrimentos e a culpa arrasadora dos abortos? Creuza não ligava. Tocava as coisas planejando sua vida com a frieza dos economistas do governo.

Mais difícil do que preparar o enxoval e enfrentar línguas bipartidas foi convencer Acúrcio a comprar casa na cidade e vencer sua resistência à mobília civilizada e às tentações das peças de conforto que ela requer. Quase impossível foi levá-lo aos batentes da economia capitalista e fazê-lo entender a inflação, a alta dos preços, correção monetária e com isto conseguir que todo o dinheiro que tinha guardado passasse a receber juros.

dividendos, essas coisas.

Acúrcio só compreendeu tudo quando Creuza lhe disse que seu dinheiro iria crescer, aumentar, duplicar, triplicar, sem que ele nada fizesse, a não ser deixar tudo na caderneta de poupança e esperar.

De carro fretado, por questões de segurança, foram até à cidade vizinha conduzindo o velho baú fechado à chave onde Acúrcio guardava todo seu dinheiro. O renitente poupador, ainda não completamente imbuído do espírito capitalista de sua futura esposa, achou que as paredes de vidro do banco não eram muito seguras para guardar seu dinheiro, mas, quando viu dois guardas com revólveres a tiracolo, sossegou um pouco. Entraram no ar refrigerado, e Acúrcio seguiu Creuza pelo caminho marron que um tapete de sisal traçava para os dois.

Uma moça preparou os papéis, e o casal foi chamado a um cubículo reservado para a conferência de tão avultado volume de dinheiro. Finalmente o mofo monetário de Acúrcio tornou-se público.

O funcionário retirou as primeiras notas e, como se procurasse mais alguma coisa sob aquela primeira camada, decidiu virar todo o conteúdo sobre uma mesa. Então voltou-se para Acúrcio e Creuza com um pacote de dinheiro nas mãos:

- Seu Acúrcio, isto aqui não tem valor

[32]

nenhum! Este dinheiro já saiu de circulação há muito tempo! Até réis tem! Tem cruzeiros da época do Presidente Getúlio Vargas, cruzeiro novo, até cruzado. O único dinheiro que vale é esse aqui! O resto é papel velho! Os réis podem ser vendidos para algum museu, e outras podem ser vendidas para colecionadores, mas não têm valor circulante. Sinto muito!

Acúrcio entendeu o significado do que o rapaz dizia sem ter compreendido uma única palavra. Gaguejou, segurou um maço de notas bem próximo aos olhos tentando ter certeza do que o rapaz acabara de falar e ficou calado. Creuza caiu na cadeira, derrubada por mais aquele murro do destino. Era como sentir de novo as pancadas do seu amante motorista, morrer de novo afogada na paixão pelo soldado, sentir o fórceps esmagando por dentro suas indesejadas sementes.

Acúrcio descartilhou o juízo e voltou a ser bugre. Nunca mais foi à cidade nem aceitou qualquer aproximação de visita. Vive caminhando tonto pelo sítio, com um pacote de notas numa mão e na outra um bilhete que ele nunca pediu a ninguém para ler, mas que sabe exatamente o que significa.

[33]